



Sucot

(do hebraico סוכות ou סוכֹת sukkōt, cabanas) é um festival judaico que se inicia no dia 15 de Tishrei de acordo com o calendário judaico. Também conhecido como **Festa dos Tabernáculos** ou **Festa das Cabanas** ou, ainda, **festa das colheitas** visto que coincide com a estação das colheitas em Israel, no começo do Outono. É uma das três maiores festas, conhecidas como Shalosh Regalim, onde o povo de Israel peregrinava para o Templo de Jerusalém.

O Sucot relembra os 40 anos de êxodo dos judeus no deserto após a sua saída do Egito. Nesse período o povo judeu não tinha terra própria, eram nômades e vivam em pequenas tendas ou cabanas frágeis e temporárias. Como forma de simbolizar este período, durante a celebração de Sucot, os judeus deixam as suas casas e se abrigam sob folhas e galhos ao ar livre, simbolizando a **sucá**. A **sucá** deve ser erguida ao ar livre e deve ser constituída de palha ou folhagem, que possibilita ver-se o céu. Deve ter pelo menos 3 paredes as quais não devem estar pregadas ao teto. Além desta passagem pelo deserto, a sucá também simboliza todos os judeus que moram na diáspora, ou seja, fora de Israel. Outro ritual que se faz em Sucot é a oferenda da água. Esta era uma cerimônia que precedia a época das chuvas e a água, por ser um elemento vital, era implorada a Deus pelos camponeses.

Celebramos Sucot após as festas de Rosh Hashaná (o ano novo) e Yom Kipur. Mas não seria mais apropriado construir cabanas em Pessach, já que o intuito desse mandamento é lembrar os milagres ocorridos na saída do povo judeu do Egito? Muitos já se fizeram essa pergunta. Existe uma resposta que é fundamental para se entender o significado de Sucot. Na Terra de Israel, Pessach cai sempre na primavera. Habitar em cabanas, ao ar livre, no verão, quando o calor dentro de casa é intenso, é agradável. Porém, um Mandamento Divino não deve ser cumprido pelo fato de ser agradável; não é assim que uma pessoa demonstra seu empenho e devoção em cumprir a Vontade de D'us. Ao habitar dentro de uma sucá durante o outono, apesar do frio, o povo de Israel demonstra ao Eterno sua firme intenção de obedecê-Lo. A festa de Sucot é celebrada durante o mês de Tishrei para mostrar que nem o frio, nem o vento podem impedir-nos de cumprir a vontade de D'us.

Há ainda uma outra explicação: após Rosh Hashaná e Yom Kipur é natural nos preocuparmos com o julgamento e os decretos Divinos. Será que nossas preces em Yom Kipur foram aceitas? Será que fomos perdoados? Mesmo sem saber a resposta e esperando pelo julgamento, construímos cabanas logo após Yom Kipur.



הסוכנות היהודית לארץ ישראל
Agência Judaica
www.agenciajudaica.com.br

Os significados das leis da sucá

As leis das sucá, além de serem bastante específicas, dão-nos importantes lições de vida.

O Talmud ensina que a palavra sucá é derivada de schach que, em hebraico, significa cobertura. A sucá é uma habitação formada por paredes e teto. Para a fabricação das divisórias pode-se usar qualquer tipo de material sólido (pedra, madeira, ferro, vegetal, plástico e até junco). Porém, para construir a cobertura da cabana onde se deve habitar durante Sucot só é permitido usar material vegetal recém-cortado, como folhagem, bambu e madeira, entre outros.

As paredes da sucá simbolizam o status social do indivíduo ou da família que a constrói. Elas representam sua posição socioeconômica e o patrimônio adquirido ao longo dos anos. Por isso, a construção das paredes da sucá pode ser feita com qualquer tipo de material, do mais simples ao mais luxuoso. É até permitido construir uma sucá com paredes de ouro ou prata. Mas a lei determina que o schach que é o elemento fundamental da sucá seja feito de um vegetal cortado, que praticamente não tem valor econômico.

Revela-nos, o Midrash, que as Quatro Espécies representam quatro tipos de judeus. O belo etrog (cidra), tem sabor e aroma; simboliza o judeu que estuda a Torá e pratica uma infinidade de boas ações. A tâmara, fruto do lulav, tem sabor mas não tem aroma, representando, pois, os judeus que se dedicam quase que exclusivamente ao estudo da Torá e que não têm muito tempo nem recursos para praticar atos de caridade e bondade. O hadáss (murta) possui aroma, não sabor; representa os judeus que dedicam toda a sua vida a ajudar os outros, mas desconhecem a Sabedoria e as Leis Divinas. E, por último, o aravá (salgueiro) é destituído de ambos, aroma e sabor. Personifica os judeus que nem se dedicam muito ao estudo da Torá nem tampouco praticam muitos atos de bondade. Assim se manifesta D'us acerca das Quatro Espécies, no Midrash: "Que todas as quatro se unam, como um único feixe e elemento, completando-se e expiando umas pelas outras".

Cada um dos Arbaat ha-Minim incorpora uma característica singular ou um modo de conduta específica que todo judeu, nas várias horas de seu dia ou em diferentes momentos de sua vida, deve perseguir. O etrog nos ensina que uma vida ideal é aquela que combina o estudo da Torá com a prática de atos de justiça social que possam aperfeiçoar o mundo em que vivemos. Conhecedores de Sua Vontade, estaremos a caminho da realização de ações sábias e benéficas. Por outro lado, a prática de caridade, a doação de recursos materiais, tempo e espírito, haverão de promover o estudo, a bondade, a justiça e a Santidade no mundo.



הסוכנות היהודית לארץ ישראל
Agência Judaica
www.agenciajudaica.com.br

Mas nem sempre podemos viver segundo os ideais simbolizados pela bela cidra, o etrog. O lulav nos ensina que há vezes em que é preciso dedicar-nos exclusivamente ao estudo. Para saber agir de acordo com a Vontade Divina, faz-se mister primeiro aprender a Sua Torá. E mais: há certos momentos na vida em que essa dedicação ao estudo do judaísmo não pode ocupar importância secundária; são momentos em que precisamos retirar-nos por completo de nosso dia-a-dia, ainda que por poucas horas semanais, esquecendo-nos de tudo o mais. Sempre haverá tempo de retornar a nossos afazeres diários - só que, já então, com o preparo e a inspiração para efetivamente darmos nossa contribuição a esse mundo conturbado.

O hadáss transmite a lição de que há momentos em que mesmo um sábio em Torá precisa deixar de lado os livros e ajudar aqueles que o cercam. O domínio profundo das Leis Divinas é um bem precioso; no entanto, a construção de um mundo melhor é, em geral, uma missão Divina bem mais urgente. Precisamos, muitas vezes, abrir mão de nosso enriquecimento e satisfação espiritual para correr em auxílio de outrem, ou, como disseram os Sábios, fazer deste mundo verdadeiramente a Morada de Seu Criador. Cabe-nos, a cada um de nós, ter a sabedoria para discernir entre a hora de se comportar como um lulav e a hora de se comportar como um hadáss. Por um lado, o lulav está a nos lembrar que o judaísmo defende a idéia de que "o caminho para o inferno é pavimentado de boas intenções". Isto quer dizer que mesmo a benevolência e a generosidade podem ser erroneamente aplicadas e danosas se estiverem em desacordo com a Vontade Divina. Por outro lado, o hadáss faz ecoar a afirmação talmúdica de que aquele que domina a Torá, mas não pratica boas ações, na verdade não possui a Torá. Se o estudo e as ações não puderem estar irmanados, há que se usar de muita prudência e sagacidade para saber se o momento pede estudo ou ação. E o aravá? O que nos ensina? Humildade - que é o segredo da santidade e da proximidade ao Eterno. Faz-nos recordar que por mais que sejamos, sempre há quem nos supere. Alerta-nos contra a complacência, pois não importa a infinidade de boas ações que tenhamos praticado, sempre há quem as tenha feito em número maior. E, contudo, o mundo ainda se vê inundado em dor e injustiça. Mas, sobretudo, o aravá nos faz sempre recordar que, comparados a D'us, Infinito em sua Grandeza, nada somos, nada possuímos, nada conhecemos.

Fontes:
Wikipedia
Revista Morasha